

Manifesto PPRI

Até quando as direções e correntes vão ficar bloqueando a convocatória e organização de uma luta nacional, unitária e radicalizada dos explorados, visando impor ao governo Lula a ruptura de todos os acordos entre Brasil e Israel?

Romper com Israel já não é mais uma questão de conveniência diplomática e econômica, e menos ainda um cálculo eleitoral e político para preservar a governabilidade de Lula. É imposição moral e política diante do holocausto!



O Estado de Israel realizou um ato terrorismo ao sequestrar 12 membros do navio "Madelin" (integrante da "Flotilha da Liberdade") em águas internacionais, sendo levados à força e ilegalmente ao porto israelense de Asdode, onde foram presos e submetidos a tortura psicológica e a condições de detenção insalubres - ainda que em nada se comparem aos campos de concentração, violações e torturas que milhares de palestinos sofrem nas masmorras sionistas. A maioria dos ativistas já foi solta, mas ainda continuam nas masmorras sionistas alguns de seus membros, e milhares de palestinos.

Israel atacou o Irã e assassinou dezenas de altos chefes militares e científicos do seu programa nuclear. Essa declaração de guerra foi garantida com apoio dos EUA. Os iranianos foram levados a acreditar no cinismo de Trump que queria negociações. Nos fatos, Trump estendia e dilatava as negociações para servir de cobertura ao ataque que, junto de Israel, já tinham aprovado, pelo menos, desde seu primeiro mandato. Só quando o Hezbollah foi enfraquecido (gra-

ças às forças libanesas que hoje estão no governo do Líbano), Al-Assad fora derrubado pelas milícias que agem como instrumento do imperialismo e do sionismo, o Iraque fora completamente incapacitado de exercer sua soberania após a invasão norte-americana, que os governos árabes estão completamente ajoelhados perante sionismo e imperialismo, e que os palestinos acham-se encurralados e submetidos a um massacre e holocausto, é que os planos que vêm se preparando há décadas, finalmente, são efetivamente realizados.

A esmagadora maioria dos governos assiste passivamente aos ataques contra Irã, à violação das fronteiras e soberania libanesas, à repressão sobre as mobilizações de dezenas de milhares de ativistas e cidadãos dos países árabes e europeus que tentam furar o bloqueio dos governos árabes para chegarem a Gaza e quebrar o cerco da fome e lutar pelo fim do holocausto palestino, e às ações terroristas que ocorreram contra os tripulantes pacíficos e desarmados da "Flotilha da Liberdade". Não apenas se calam, como sequer condenam

Israel, o encorajando a continuar seus crimes impunemente.

O Tribunal Penal Internacional (TPI) demonstrou-se impotente para prender os criminosos Netanyahu e Gantz. A ONU declarou que o acontece em Gaza é um genocídio, mas é letra morta quando os EUA bloqueiam que se aprove um cessar-fogo. Tampouco se aplicam as leis respectivas que se integraram a sua legislação para impor sanções, boicotes e bloqueios a qualquer Estado que pratique genocídio. A legislação, a democracia e justiças burguesas, assim com as instituições da burguesia mundial (ONU, AEIA etc.) são organismos ao serviço da burguesia e dos governos para apoiar e financiar o genocídio palestino, os massacres na Líbia e Iêmen, os golpes de estado (Síria, Líbia, Egito etc.) e os ataques a nações soberanas que procuram uma via própria para sua autodeterminação, como o Irã. Isso sim: as leis internacionais são impostas às nações e povos oprimidos, e contra a Rússia e a China para bloquear seu avanço econômico, militar e geopolítico. Mas, não se aplicam às invasões, guerras imperialistas e ataques de Isra-

el contra a soberania nacional de países oprimidos. É por isso também que as ações populares e de massas que se propõem romper o cerco sionista são tratadas como crime, inclusive nos EUA como demonstram as leis repressivas contra estudantes pró-Palestina.

A decisão do brasileiro Thiago Ávila e de seus companheiros e companheiras de rejeitar as implicações dos genocidas para serem libertos, é uma pequena amostra de que segue crescendo a luta e ações solidárias internacionalistas para quebrar o cerco do sionismo e pôr fim ao genocídio. Foi um ato de entrega à causa Palestina sua decisão de entrar em greve de fome, colocando sua vida em risco como protesto contra a barbárie sionista e para pressionar o governo Lula/Alckmin a que se realizem embargos e se rompam todas as relações do Brasil com Israel. É parte dessa solidariedade as dezenas de milhares de manifestantes que procuram romper o cerco de fome dos palestinos pelo norte da África. Atos e ações individuais ou coletivas que são expressões da disposição da esmagadora maioria dos oprimidos do mundo a intensificar suas ações em defesa dos palestinos. Os governos podem denunciar e até choramingar, mas a força para pôr fim ao holocausto e garantir a vitória final dos palestinos está na ação direta e internacionalista das massas oprimidas mundiais. Elas demonstram que os palestinos não estão sozinhos, e que apesar de diferentes métodos e programas defendidos e praticados, confluem sob o mesmo objetivo. Deve-se defender aos que se arriscam a romper o cerco genocida sobre Palestina e a todos os que defendem incondicionalmente o direito dos palestinos à sua libertação nacional. Sobretudo, defender o direito das massas a recorrer a todos os métodos necessários para derrotar o sionismo e estrangular seus interesses por toda parte.

Os atos do dia 15 no Brasil são mais um elo no curso das ações

dos operários portuários da França e da Índia que paralisaram a exportação de armas e equipamentos bélicos para Israel; da luta dos estudantes nos EUA em 2024 pelo fim do genocídio; das manifestações de massas na Europa e, agora, das marchas multitudinárias que desde Argélia e Cairo se dirigem a Gaza. Os palestinos não estão sozinhos! Mas, sejamos claros: sem destruir o estado sionista, sem romper com a legalidade e justiça burguesas, e sem impor aos governos com a luta de classes a ruptura total de suas relações com Israel, continuará a limpeza étnica na Palestina ocupada. Sem a ação decisiva e radicalizada das massas nas ruas, fazendo greves, ocupando fábricas e paralisando os portos, enfim, estrangulando os interesses de Israel em nosso país, o governo Lula deixará fluir petróleo e aço, e deixando rolar contratos militares e acordos acadêmicos com os sionistas, portanto, seguirá sendo cúmplice no holocausto palestino.

Após dois anos e meio de genocídio ficou demonstrado que o governo de frente ampla burguesa de Lula/Alckmin nada fará de fato para frear a carnificina sionista contra os palestinos. Essa tarefa recai nos explorados e oprimidos. É um dever das correntes, partidos e militantes que se colocam na trincheira dos palestinos denunciar como um crime a inação do governo Lula. Há um genuíno sentimento de solidariedade com a luta palestina entre muitos que defendem o governo Lula, mas não se pode defender um governo que financia com bilhões o sionismo. A vida e os direitos dos palestinos são mais importantes que os cálculos eleitorais e as manobras parlamentares. Se o governo Lula não quer romper com Israel, então que as massas imponham a esse a ruptura de todas as relações entre Brasil e Israel com a luta de classes. Se para a vitória dos palestinos em sua luta é necessário romper com o governo e o combater abertamente, então é o que devem fazer todos que de-

fendem os palestinos!

Assim como a Palestina será definitivamente livre com a derrota e destruição do estado sionista e enclave estadunidense de Israel, erguendo sobre suas ruínas um estado Palestino uno e socialista, finalmente livre de toda forma de opressão social e nacional, como parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio, o Brasil será um farol para a luta internacionalista e a solidariedade ativa em defesa dos palestinos e de todos os povos e nações oprimida quando derrubar os governos e destruir o estado burguês, expropriando a burguesia e transformando os grandes meios de produção em propriedade nacionalizada, constituindo o governo operário e camponês, fruto da revolução e ditadura proletárias. Eis em toda sua importância a tarefa de construir uma direção revolucionária e construir os partidos proletários, revolucionários e internacionalistas, e combater ao interior das organizações, das frentes de luta e as manifestações com a estratégia e métodos proletários. ●

Pela libertação imediata e incondicional das presas e presos da "Flotilha da Liberdade"! Romper imediatamente todas as relações, tratados e acordos entre Brasil e Israel! Pela unidade internacional da luta em defesa do povo palestino! Por um programa comum de reivindicações e um plano único de ações no país para ajudar os palestinos na derrota total de Israel! Pelo fim do estado terrorista de Israel! Por uma Palestina livre, una e socialista, do rio ao mar!